

CAPÍTULO VII

A Ideologia Tecnoburocrática

A TECNOBUROCRACIA, mais do que um sistema econômico e um sistema político, é um sistema cultural, entendida esta última expressão em seu sentido mais amplo. Cultura é o produto de toda atividade humana. É o produto do trabalho, da arte e da inteligência dos homens através dos tempos e em cada momento. Cultura abrange a atividade econômica, política, lúdica, artística, científica, religiosa e ideológica do homem. A cultura da sociedade industrial moderna já é em grande parte e tende a ser cada vez mais uma cultura tecnoburocrática. Não é apenas o sistema econômico que é tecnoburocrático, apoiado nas grandes empresas, no grande Estado, e no seu planejamento. Não é apenas o sistema político que é tecnoburocrático, na medida em que vai sendo dominado por tecnoburocratas. Toda a sociedade se tecnoburocratiza. Valores, crenças, artes, diversões, vão ganhando conotações tecnoburocráticas cada vez mais definidas.

A tecnoburocracia representa a cristalização das idéias e das ações racionalizadoras que definem o mundo moderno. É o resultado e o resumo de toda a grande revolução tecnológica, econômica e social que se vem realizando no mundo desde a Revolução Comercial e particularmente desde a Revolução Industrial, sob a égide de um racionalismo utilitarista.

Nas palavras de Theodore Roszak, que escreveu um notável trabalho sobre a tecnocracia ou tecnoburocracia,

por tecnocracia eu entendo a forma social em que a sociedade industrial atinge o pico de sua integração organizacional. É o que o homem-padrão ideal usualmente tem em mente quando fala de modernização, racionalização, planejamento.⁶⁷

Entendida nesses termos, a tecnoburocracia identifica-se com a civilização ocidental moderna. Embora essencialmente dinâmica, porque baseada no desenvolvimento tecnológico, ela também se identifica com o *status quo*, com a preservação e aperfeiçoamento da cultura vigente, seja em sua forma pretendidamente capitalista, seja em sua forma pretendidamente socialista.

Já examinamos nos capítulos anteriores a emergência da tecnoburocracia e suas características econômicas, políticas e sociais básicas. Examinaremos agora sua ideologia que, naturalmente, serve para legitimar aquelas relações econômicas, políticas e sociais correspondentes.

O primeiro postulado da ideologia tecnoburocrática é o de que ela própria não é ideológica. Na segunda metade do século XX estamos afinal chegando à era do fim da ideologia. As ideologias da esquerda e da direita perdem sentido, na medida em que lhes faltam bases técnicas e científicas. Não há razão, dizem os tecnoburocratas, para ficarmos perdendo nosso tempo com discussões estéreis entre ideologias. As ideologias, sejam quais forem elas, liberalismo ou intervencionismo, nacionalismo ou colonialismo, totalitarismo, espiritualismo, igualitarismo, fascismo, são todas expressões emocionais e irracionais. Traduzem interesses e paixões. Não são científicas, não são técnicas.

Ora, dizem os tecnoburocratas, hoje não é mais possível esse tipo de comportamento político. Hoje o desenvolvimento da ciência e das técnicas já foi tão grande, que é possível governar os países segundo critérios técnicos e científicos. Técnicos ideologicamente neutros, utilizando exclusivamente critérios técnicos e científicos, sempre que possível quantitativamente demonstráveis, estão à disposição para tomar ou assessorar as decisões. Governar não é um problema político, é um problema técnico. É a análise racional e precisa dos problemas econômicos e sociais, com a utilização das técnicas disponíveis, que vai nos dizer o que se deve fazer. Discutir, por exemplo, se devemos distribuir mais ou menos a renda, se o grau de liberdade deve ser maior ou menor, se tal atividade econômica deve

⁶⁷ Roszak, Theodore. *A Contracultura*. Petrópolis, Vozes, 1972.

ser gerida pelo Estado ou por proprietários privados, se o voto deve ser distrital ou não, se a moeda deve ser desvalorizada ou não, se as artes devem ser mais ou menos estimuladas, se a educação deve ser paga ou gratuita, são todos problemas que podem ser resolvidos segundo critérios técnicos.

Percebendo o desmascaramento das ideologias que o método histórico-dialético de análise marxista possibilitou, os tecnocratas, muito sabiamente, propõem-se a não adotar qualquer ideologia. Ora, é evidente que este tipo de posição não é aceitável. Suas bases são tão ou mais ideológicas do que quaisquer outras. A simples afirmação de que qualquer problema político pode e deve ser resolvido tecnicamente já é uma proposição ideológica. A afirmação de que chegamos ao tempo do fim da ideologia é eminentemente ideológica. Afinal, que critérios adotarão os tecnoburocratas para tomar suas decisões técnicas? Pretenderão tomar decisões sem levar em consideração valores, sem considerar objetivos a serem atingidos? Obviamente não. Importa, portanto, determinarmos os fundamentos da ideologia tecnoburocrática.

Um fator que possibilitou algum êxito à tentativa dos tecnoburocratas de se considerarem ideologicamente neutros e de proporem o fim da ideologia, é o caráter extraordinariamente difundido da ideologia tecnoburocrática. Ela penetra todos os setores da vida moderna. Ela se adapta às velhas ideologias em luta, com elas se confunde, nelas se instila. Mais do que isto, ela as coopta. Capitalistas ou comunistas da segunda metade do século XX, esquerdistas da velha esquerda ou conservadores, são, sem o perceber, vítimas ou defensores (não importa) da ideologia tecnoburocrática. Esta está de tal forma difundida, é de tal forma pervasiva, alcançou tal grau de consenso, em países desenvolvidos ou subdesenvolvidos, capitalistas ou comunistas, ocidentais ou orientais, desde que esses países tenham sido atingidos e influenciados pelos valores da sociedade industrial moderna, que pode passar despercebida.

Uma análise um pouco mais cuidadosa do problema, porém, porá a nu a ideologia tecnoburocrática. Isto, porém, só será possível se formos, ao mesmo tempo, capazes de criticá-la. Será muito difícil detectar a ideologia tecnocrática, se não dispusermos de critérios para analisá-la a partir de um ponto de observação externo a ela.

A tecnoburocracia é fruto do racionalismo. É a sua expressão mais perfeita. É a sua forma acabada. A ideologia tecnoburocrática é em primeiro

lugar e acima de tudo racionalista. Cumpre, portanto, antes de mais nada, definir o que entendo por racionalismo.

Racionalismo é a filosofia dominante em todo o mundo moderno. Tem sua origem na filosofia grega de Aristóteles, mas encontra realmente seu primeiro e grande arauto em Descartes. A partir do grande filósofo francês do início do século XVII, praticamente todos os grandes filósofos, até o fim do século XIX, são racionalistas. Seja Bacon, Hobbes ou Locke na Inglaterra, seja Spinoza na Holanda ou Voltaire e Comte na França, seja Kant, Hegel, Marx e Nietzsche na Alemanha ou William James nos Estados Unidos, todos, ainda que muitas vezes distantes da filosofia de Descartes, têm em comum uma visão racionalista do mundo.

O racionalismo é a filosofia que coloca toda a legitimidade do conhecimento na razão. Opõe-se à tradição e à revelação, como outras possíveis fontes de conhecimento. Mais do que acreditar que tudo pode ser compreendido, que todos os mistérios do mundo poderão ser resolvidos através do uso da razão humana, através da pesquisa e da análise científica, o racionalismo deposita todas as esperanças do mundo no desenvolvimento da razão humana.

Não podemos fazer agora uma análise aprofundada do racionalismo. Basta termos em mente que está intimamente relacionado com a emergência da burguesia e do sistema capitalista no mundo moderno. O capitalismo, sendo um sistema econômico mais racional do que o feudal, necessitava, para tornar-se dominante, da legitimação de ideologias racionalistas, como são o liberalismo e o individualismo.

O capitalismo é mais racional na medida em que conceituamos ato racional como o ato deliberado, visando a um objetivo definido, e adotando os meios mais adequados para se atingir aquele objetivo. Colocado o problema nesses termos, o capitalismo comercial é muito mais racional do que o sistema feudal, na medida em que define o lucro como sendo o objetivo a ser deliberadamente atingido pela atividade econômica.

O capitalismo industrial, por sua vez, apresenta um progresso em relação ao capitalismo comercial, na medida em que define o critério de eficiência ou de produtividade máxima, dentro de um sistema de concorrência, como o meio mais adequado, mais racional, para se atingir o fim visado. Não é por outra razão que os grandes ideólogos do capitalismo, os enciclopedistas franceses, os economistas liberais, a partir de Adam Smith, os grandes pensadores liberais do século XIX, como Stuart Mill e Tocqueville, são todos racionalistas.

Mas também é eminentemente racionalista a crítica de Marx. O socialismo proposto por Marx recebe sua legitimidade do fato de pretender ser ainda mais racional do que o capitalismo industrial. Mais racional porque mais justo, mas, principalmente, porque mais eficiente, na medida em que o objetivo não é mais o lucro, mas a produção máxima, na medida em que o critério básico para se alcançar essa produção máxima é a eficiência através da administração e do planejamento ordenado e racional, e não através da concorrência, muitas vezes caótica e irracional.

Nesses termos, ainda que proposto pelos filósofos, como, aliás, é natural, a origem do racionalismo é basicamente econômica. Deriva dos interesses em legitimar uma sociedade moderna, industrial, em oposição a uma sociedade tradicional. Provavelmente por esse motivo, o racionalismo, entendido não mais agora na forma em que cada pensador isolado o defendeu, mas na forma em que se tornou a ideologia dominante das sociedades industriais modernas — ou seja, da sociedade tecnoburocrática — é um racionalismo de bases essencialmente econômicas, é um racionalismo utilitarista.

O utilitarismo característico do racionalismo tecnoburocrático é claramente verificável através do objetivo político básico visado pela tecnoburocracia: a eficiência. O primeiro e mais importante objetivo a ser alcançado por um sistema tecnoburocrático é a eficiência econômica, é a maximização dos resultados em relação aos recursos produtivos empregados, é o aumento da produtividade de trabalhadores, administradores, máquinas e recursos naturais. Para o tecnoburocrata, ato racional e ato eficiente são sinônimos. Se ato racional é o ato coerente com os fins visados e se ato eficiente é o que maximiza resultados em relação a um determinado esforço realizado, ato racional e ato eficiente são sinônimos para a ideologia tecnoburocrática. O critério de racionalidade de um ato está em sua eficiência econômica, em sua utilidade.

Esta crença está tão profundamente arraigada na sociedade moderna, que parece difícil imaginar uma outra concepção de racionalidade. A eficiência econômica, a maximização da produção de bens e serviços, dada uma quantidade limitada de recursos produtivos, resume toda a aspiração por racionalidade do mundo moderno. E traduz o sentido materialista desse mundo. Os objetivos econômicos são, na prática, colocados acima de todos os demais. É difícil para o homem comum e particularmente para o tecnoburocrata imaginar que possa haver outros valores, eventualmente

maiores, a serem atingidos, como a liberdade, o amor, a beleza, a verdade, a justiça, a realização pessoal.

O grande critério para a ação tecnoburocrática é a eficiência. O grande objetivo a ser alcançado através da eficiência é o desenvolvimento econômico, é o aumento da produção por habitante. Não importa se a renda resultante seja distribuída com maior ou menor justiça. A distribuição da renda só é significativa na medida em que ela contribui ou não para o próprio desenvolvimento econômico. Nesses termos, uma distribuição equitativa da renda será provavelmente ineficiente e, portanto, condenável. Da mesma forma, uma concentração excessiva da renda dificultará a criação de um mercado interno, sendo também indesejável. Para cada situação econômica e social deverá haver uma distribuição ótima, ou seja, eficiente, da renda, que permita maximizar a taxa de desenvolvimento econômico.

Isto não significa que a ideologia tecnoburocrática das sociedades industriais modernas não admita outros valores. Ela os admite, mas os subordina à eficiência e ao desenvolvimento econômico. Esta subordinação, porém, não é feita de maneira expressa. O tecnoburocrata detesta discutir valores. Faz parte de sua ideologia ter horror às ideologias. De uma forma sutil e tipicamente tecnoburocrática, porém, sem jamais afirmar que estes valores são mais importantes do que aqueles, ou vice-versa, ele coloca todos na dependência da eficiência e do desenvolvimento econômico. O método é simples. Resume-se em afirmar que todos os demais objetivos políticos que o homem possa pretender alcançar dependem do desenvolvimento econômico. O desenvolvimento é a variável independente que irá determinar não apenas o nível de bem-estar, mas também o grau de liberdade, o grau de segurança, o grau de justiça social, o grau de beleza existentes em uma sociedade. Democracia só seria possível em sociedades industriais avançadas. A igualdade de oportunidade aumenta à medida que aumenta o nível de desenvolvimento econômico. A beleza do ambiente depende das obras arquitetônicas e de ajardinamento. As artes desenvolvem-se na medida em que haja desenvolvimento econômico.

Para provar essas hipóteses, análises parciais de regressão são realizadas, e altos índices de correlação são obviamente alcançados. As teses tecnoburocráticas ganham, assim, foros de proposições científicas. Pretende-se que, através daqueles métodos estatísticos, foram estabelecidas relações de causa e efeito definidas. Ciência e ideologia se confundem.

O desenvolvimento econômico torna-se, assim, o grande objetivo político a ser atingido. Ora, desenvolvimento significa modernização, indus-

trialização, racionalização. Desenvolvimento é aumento de eficiência, é aumento de produtividade. Por outro lado, eficiência é a característica distintiva do técnico. Já vimos que técnico é o profissional que age segundo critérios de eficiência. É a eficiência de sua ação como especialista ou como administrador que legitima sua posição como técnico. Técnicos e desenvolvimento dão-se assim os braços, através da eficiência. O técnico torna-se o principal agente do desenvolvimento, o único elemento da sociedade capaz de planejar e executar esse desenvolvimento com eficiência. E, assim, a ideologia tecnoburocrática ganha uma perfeita lógica interna e torna-se um poderoso instrumento para a tomada do poder pela tecnoburocracia.

Além da eficiência e do desenvolvimento econômico, que formam o coração da ideologia tecnoburocrática, temos outros elementos importantes a serem considerados.

Em primeiro lugar, a ideologia tecnoburocrática enfatiza a mudança. Conforme observa Rose Marie Muraro, ela parte de um princípio básico: o de que a tecnologia é o grande fator revolucionário de nosso tempo. Nas suas palavras:

O século XX está assistindo à mais fantástica revolução da história da humanidade. Não é uma revolução política, social ou econômica, mas uma revolução global — a revolução do homem — desencadeada e acelerada pelo desenvolvimento da técnica.⁶⁸

A técnica é, portanto, revolucionária. A técnica provoca mudanças. Essas mudanças são bem recebidas pela ideologia tecnoburocrática e, na medida em que aumentar a eficiência, implica necessariamente a introdução de novas técnicas.

Em contrapartida, porém, a ideologia tecnoburocrática é conservadora. Trata-se de um novo tipo de conservadorismo. De um conservadorismo reformista. Não de um conservadorismo imobilista. O tecnoburocrata só admite um tipo de revolução: a revolução técnica. Ele pode assumir o poder através de uma revolução política ou de um golpe de Estado. Mas, uma vez no poder, não se disporá a realizar uma revolução econômica e social. Ele prefere fazer reformas. É certo que nos países

⁶⁸ Muraro, Rose Marie. *A Automação e o futuro do homem*. Petrópolis, Vozes, 1969. p. 23.

comunistas as revoluções econômicas e sociais foram profundas. Mas já vimos que, inicialmente, as revoluções comunistas não eram tecnoburocráticas.⁴ O verdadeiro tecnoburocrata prefere não revolucionar as estruturas sociais e econômicas de um país em que assumiu ou está assumindo o poder. Revolução significa desordem, insegurança e, portanto, ineficiência. Por isso é preferível ser moderadamente conservador. Se a estrutura for capitalista, continuará socialista. O tecnoburocrata não se importa. Está seguro de que, através de suas reformas, através da adoção de critérios técnicos de planejamento e administração, ambos os sistemas caminharão a longo prazo em uma mesma direção. E poderão ser ambos eficientes.

Em terceiro lugar, a ideologia tecnoburocrática enfatiza a segurança. Este valor é particularmente ressaltado pelas tecnoburocracias militares, cuja própria razão de ser é a segurança. O militar é um profissional da segurança e tudo a ela subordina. Mas a segurança não é essencial apenas para as tecnoburocracias militares. Os tecnoburocratas políticos também a estimam. A segurança é uma pré-condição da eficiência do sistema. Sem ordem, sem segurança, não pode haver governo racional, é impossível alcançar a eficiência. Além disso, a ênfase na segurança é um meio de garantir o poder autocrático dos tecnoburocratas. E de justificar a montagem de todo um sistema de polícia interna dentro do país, que passa a fiscalizar velada ou abertamente as atividades de todos.

Em outras palavras, a segurança, transformada em objetivo político de primeira grandeza, abre caminho para uma outra característica básica de ideologia tecnoburocrática. Ela é eminentemente autoritária. Já vimos que a tecnoburocracia não se coaduna com a democracia. Tecnoburocracia é, por definição, um tipo de oligarquia. É natural, portanto, que sua visão do mundo seja autoritária. Ela parte do princípio de que a legitimação do poder político está no conhecimento técnico, na competência. Ora, o sistema democrático nem sempre garante a tomada do poder pelos tecnicamente mais competentes. Além disso, o tecnoburocrata foi formado em organizações burocráticas, rigidamente hierarquizadas, em que a autoridade vem sempre de cima para baixo. Inverter o processo, como pretende a democracia, parece-lhe evidentemente irracional.

Liberdade é para o tecnoburocrata sinônimo de indisciplina, de licença, de desordem. Liberdade é um luxo que pode ser sempre postergado em nome da eficiência e da segurança. É um objetivo longínquo, que só

poderá ser alcançado depois que o desenvolvimento econômico e a ordem social foram alcançados. Conforme observa Mihajlo Mihajov:

Se o objetivo é o progresso técnico-científico, e a liberdade constitui apenas um mero instrumento, então não é tão difícil imaginar a convergência dos dois sistemas (capitalista e socialista) para um misto das sociedades pintadas por Orwell em 1984 e por Huxley em *Admirável mundo novo*.⁶⁹

Outra característica que está na base da ideologia tecnoburocrática é a crença de que todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos.⁷⁰ Esta crença fundamenta-se em uma visão do mundo tipicamente tecnoburocrático, segundo a qual existiria uma lógica interna imanente às coisas e às situações, que tornaria o mundo essencialmente harmônico. O mundo, para o tecnoburocrata, é um sistema ou um conjunto de sistemas em que cada elemento tem uma função, um papel. O papel do técnico é compreender esses sistemas — sistemas naturais, como o organismo humano, sistemas mecânicos, como uma máquina, sistemas sociais, como uma família ou uma empresa —, é entender suas interdependências e fazê-los funcionar suave e eficientemente. Os conflitos, as contradições, os desarranjos são meros defeitos técnicos dos sistemas, são disfunções, que podem ser tecnicamente resolvidos. Nas palavras de Henri Lefebvre:

Nessa vasta ideologia, fica subentendido que as sociedades e os grupos que as constituem, como os seres vivos e os “seres” em geral, têm necessidade de um princípio interno que os mantêm na existência. Esse princípio de coesão e de coerência, estrutura latente ou em vias de aparecimento, é a única coisa importante. A desestruturação? É a ameaça, o lado mau a ser abolido com urgência, o mal.⁷¹

Esta visão do mundo que, no campo das ciências sociais, influencia particularmente a sociologia funcionalista de Parsons, a antropologia estruturalista de Lévi-Strauss e toda a teoria econômica neoclássica, caracteriza-se, antes de mais nada, por uma visão conservadora e mecanicista do

⁶⁹ Mihajov, Mihajlo. O Progresso científico contraria a liberdade? *O Estado de S. Paulo*, 8 ago. 1971.

⁷⁰ Cf. Roszak, Theodore. *A Contracultura*, op. cit.

⁷¹ Lefebvre, Henri. *Posição: contra os tecnocratas* (trad. de *Position: contre les technocrates*). São Paulo, Editora Documentos, 1969. p. 62.

mundo, que tem suas origens na Mecânica de Newton. A harmonia imanente ao sistema planetário é transplantada para todos os demais sistemas e particularmente para os sistemas sociais. Nestes, porém, a harmonia não é automática. Depende de homens que sejam capazes de fazer o sistema funcionar corretamente. Depende dos engenheiros sociais do mundo moderno, dos tecnoburocratas em suma.

Henri Lefebvre chamou a essa visão do mundo de “novo eleatismo”, para salientar seu caráter imobilista e conservador.⁷² Na verdade, a ideologia tecnoburocrática não é imobilista, na medida em que ela valoriza a mudança técnica e a decorrente mudança social. É, todavia, uma ideologia que não admite a história nem as contradições. Nesses termos, é uma ideologia que repudia a dialética e uma visão histórica do processo social. Nesta ideologia,

acaba-se com a história, declarándo que ela não teve nem orientação, nem sentido ou, então, mostrando que o sentido é atingido com o reino da racionalidade técnica.⁷³

Finalmente, dentro de seu materialismo vulgar e de sua onipotência expressa na afirmação de que todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos, a ideologia tecnoburocrática valoriza o consumo. A eficiência e o desenvolvimento econômico são os seus objetivos básicos. O consumo em massa é a forma pela qual ela aliena o restante da população. A tecnoburocracia é um sistema de dominação. É um sistema de privilégio. Necessita, portanto, de bons argumentos para justificar sua dominação. O consumismo, a valorização do consumo pessoal e o fornecimento de meios econômicos para que esse consumo seja realizado são elementos essenciais de seu sistema de legitimação.

A sociedade industrial moderna é uma sociedade de consumo em massa. Produz-se em massa, deve-se consumir em massa: o terceiro carro, o segundo televisor, aparelhos eletrônicos cada vez mais sofisticados, mais um telefone, roupas e mais roupas, divertimentos. A felicidade está em consumir. A medida da realização pessoal de cada um está em sua capacidade de consumo. Tudo se resolverá na medida em que mais bens forem produzidos, que maior for o consumo.

⁷² *Idem*, p. 53-67.

⁷³ *Idem*, p. 64.

O consumismo está, naturalmente, intimamente relacionado com os demais aspectos da ideologia tecnoburocrática. Por um lado, há uma necessidade econômica básica. Depois da análise econômica keynesiana ficou claro que o consumo, mais do que a poupança, é essencial para o equilíbrio das economias industriais modernas. De nada adianta maximizar a eficiência, produzir em massa, se não for para, em última análise, consumir esses bens. Esse consumo poderá ser postergado, como fizeram os comunistas, mas acabará sendo necessário. Por outro lado, reduzindo-se todas as aspirações humanas ao consumo, torna-se mais fácil aplicar o postulado básico da ideologia tecnoburocrática de que todos os problemas são técnicos e podem ser tecnicamente resolvidos.

Em resumo, a ideologia tecnoburocrática valoriza a própria técnica e os técnicos, valoriza a eficiência, o desenvolvimento econômico e o consumo em massa resultante. A ideologia tecnoburocrática acredita no planejamento econômico e na administração racional. A ideologia tecnoburocrática é, antes de mais nada, fruto de um racionalismo econômico utilitarista e eficientista. Ela valoriza a segurança, a ordem e a autoridade, que são essenciais para a eficiência. Em contrapartida, desvaloriza a liberdade, a justiça social, a beleza, ou, quando os valoriza, os transforma em decorrência da eficiência. Liberdade e justiça social, especialmente, são consideradas perigosas. Poderão ser sempre sacrificadas em nome da segurança e da eficiência.